

Ao final desse mesmo dia apanhei o avião de regresso a Moscovo e apercebi-me, enroscada no cheiro familiar da minha cama, de que me tinha transformado numa autora e de que esse era um caminho que eu não podia reverter. O sono fugia-me, nem uma tigela de leite quente com mel ajudou.

YOKO TAWADA

YOKO TAWADA

*Memórias
de um
Urso-Polar*

Tradução do alemão por

HELENA TOPA

S
M

Primeiro capítulo

A teoria evolucionista da avó

Havia alguém a fazer-me cócegas atrás das orelhas, debaixo dos braços. Enrosquei-me, fiquei como uma lua cheia e rebolei-me no chão. Talvez tenha dado uns gritos roucos. Depois levantei o traseiro para o céu e deslizei a cabeça por baixo da barriga: agora era uma lua em forma de foice, ainda era demasiado pequena para imaginar que houvesse algum perigo. Inocente, abri o meu ânus ao cosmos e senti-o nas minhas entranhas. De certeza que todos ririam se tivesse utilizado a palavra «cosmos» na altura, porque era muito pequena, muito ignorante, muito nova neste mundo. Sem a minha penugem fofa, seria pouco mais do que um embrião. Ainda não sabia andar muito bem, embora as minhas patas-mãos já estivessem suficientemente desenvolvidas para agarrar e segurar. Cada tropeção impelia-me para diante, mas será que se podia dizer que aquilo era andar? O meu campo de visão estava envolto em nevoeiro e os meus ouvidos eram câmaras de eco. Nada do que eu via tinha contornos claros. A minha força vital residia principalmente nas minhas garras-dedos e na língua.

A minha língua ainda se lembrava do leite materno. Meti o dedo indicador do homem na boca, chuchei nele, aquilo acalmava-me. Os pelos que nasciam nas costas das mãos dele pareciam pelos de uma escova de sapatos. O dedo entrava na minha boca como uma minhoca, cutucava. Depois o homem deu-me um toque no peito, a convidar-me para lutar.

Exausta da brincadeira, estendi ambas as patas-mãos no chão e pousei o queixo em cima delas – a minha posição preferida para ficar à espera da refeição seguinte. Meio adormecida, lambi os meus próprios lábios e o sabor do mel regressava, embora só o tivesse provado uma única vez na vida.

Um dia, o homem amarrou-me uns objetos estranhos nos pés. Tentei abaná-los para ver se saíam, mas não fui capaz. As minhas patas-mãos nuas sentiam dor, como se o chão estivesse a espetá-las por baixo. Levantei a mão direita e logo a seguir a esquerda, mas não consegui manter o equilíbrio e caí para diante. Ao contacto com o chão, voltaram as dores. Empurrei o chão para longe de mim, o meu torso esticou-se bem para cima e para trás e consegui manter-me direita uns segundos. Quando expirei, voltei a cair, desta vez em cima da minha pata-mão esquerda. Doía-me e por isso voltei a empurrar o chão para longe de mim. Ao fim de várias tentativas, conseguia equilibrar-me nas duas pernas.

Escrever: uma atividade inquietante. Quando detive o olhar na frase que tinha acabado de escrever, fiquei tonta. Onde estou neste momento? Entrei na minha história e desapareci daqui. Para voltar aqui, despeguei o olhar do manuscrito, deixei-o vaguear em direção à janela até regressar finalmente aqui, ao presente. Mas onde é aqui, quando é agora?

A noite tinha já chegado ao ponto de maior profundidade. Estava à janela do meu quarto de hotel, olhando para a praça lá em baixo, que me fazia lembrar um palco de teatro; talvez por causa da luz circular que um lampião de rua projetava. Um gato cortou o círculo de luz com o seu passo elástico. Havia um silêncio transparente na vizinhança.

Nesse dia, estivera presente num congresso. No final, todos os participantes tinham sido convidados para um banquete opulento. Quando voltei ao meu quarto, à noite, estava

com uma sede de urso e bebi água diretamente da torneira. Mas o sabor das anchovas oleosas não me queria largar. Vi ao espelho a minha boca toda esborratada de vermelho, obra-prima das beterrabas. Nunca comia tubérculos voluntariamente, mas, quando as vi a nadar no meu prato de *borscht*, quis logo beijá-las. A flutuar no meio de uns deliciosos olhos de gordura, que me aguçavam o apetite por carne, a beterraba parecia irresistível.

As molas chiavam debaixo do meu peso de urso. Sentada no sofá do hotel, pus-me a pensar em como a conferência fora desinteressante uma vez mais, mas tinha-me feito regressar à minha infância. O tema do debate do dia era: A Importância das Bicicletas para a Economia Nacional.

Qualquer pessoa, especialmente se fosse artista, deveria ter partido do princípio de que era uma ratoeira ser convidada para uma conferência. Por essa razão, muitos dos participantes não quiseram dizer nada, só quando forçados. Mas eu ofereci-me voluntariamente – levantei a minha pata direita bem no ar, com confiança, com elegância, descontraidamente e sem cerimónias. Todos os outros participantes presentes no auditório ficaram a olhar para mim. Estava habituada a atrair a atenção do público.

O meu tronco robusto, macio, tinha a cobertura do meu pelo branco exuberante. Quando empurrei o meu braço direito e o meu tórax um pouco para a frente, libertaram-se no ar partículas de uma luz hipnotizante. Era eu que estava no centro dos acontecimentos, ao passo que as mesas, as paredes e mesmo as pessoas que estavam no auditório iam desaparecendo aos poucos, perdendo-se num plano de fundo. O esplendor branco do meu pelo brilhante distinguia-se do branco comum. A luz do sol podia chegar à minha pele através do pelo, permitindo conservar a luz cuidadosamente debaixo da pele. Foi esta a cor que os meus antepassados adquiriram para poder sobreviver no Círculo Polar Ártico.

Para exprimir a nossa opinião, temos de ser vistos pelo presidente da sessão. Isto só acontece se levantarmos a mão depressa, mais depressa do que todos os outros. Não há praticamente ninguém nas conferências que seja tão rápido a levantar a mão como eu. «Pelos vistos, gosta de exprimir a sua opinião.» Uma vez chegou-me aos ouvidos este comentário irónico. Ripostei com uma resposta simples: «É assim que funciona a democracia, não é?» Mas nesse dia descobri que não era por livre vontade que eu disparava a minha pata-mão para o ar, era uma espécie de reflexo. Esta constatação atravessou-me o peito; procurei pôr as dores de lado e recuperar o meu ritmo, um compasso quaternário: o primeiro tempo foi o «faça favor» contido do presidente da sessão; o segundo tempo foi a palavra «eu», atirado para cima da mesa. Ao terceiro tempo, todos os ouvintes engoliram em seco e ao quarto ousei dar um passo corajoso, articulando claramente a palavra «penso». Para dar a tudo isto um certo *swing*, acentuei naturalmente o segundo e o quarto tempos.

Não tinha a intenção de dançar, mas as minhas ancas começaram a gingar para um lado e para o outro na cadeira. A cadeira entrou logo na dança e chiava, divertida. Cada sílaba acentuada era como um toque num tamborim a dar ritmo ao meu discurso. O público ouvia, como que enfeitiçado, esquecendo as obrigações, a vaidade e esquecendo-se de si. Os lábios dos homens boquiabertos pendiam, inertes, os dentes brilhavam com um branco creme, e da ponta da língua pingava uma espécie de carnalidade liquidificada, sob forma de saliva.

– A bicicleta é, sem dúvida, a invenção mais extraordinária da história da nossa civilização. A bicicleta é a flor do palco no circo, a heroína de todas as políticas ecologistas. Num futuro próximo, todas as grandes cidades do mundo serão conquistadas pelas bicicletas. E não só: todas as casas terão um gerador próprio, ligado a uma bicicleta. Iremos poder manter-nos em

forma e produzir eletricidade ao mesmo tempo. Também poderemos subir para a bicicleta para fazer uma visita espontânea aos amigos, em vez de lhes ligarmos primeiro para o telemóvel ou de mandarmos um *e-mail*. Quando introduzirmos a bicicleta, nas suas múltiplas potencialidades, muitos aparelhos eletrónicos passarão a ser supérfluos no futuro.

Vi nuvens escuras a pairar sobre alguns rostos. Imprimindo ainda mais força à voz, continuei:

– Havemos de ir de bicicleta até um rio e lavar lá a nossa roupa. Havemos de ir de bicicleta até à floresta para ir buscar lenha. Já não vamos precisar de máquina de lavar, já não vamos precisar de eletricidade ou gás para aquecer a casa ou para cozinhar.

Algumas caras estavam divertidas com os meus propósitos delirantes e mostravam pregas discretas de riso, ao passo que outras caras se fechavam num cinzento de pedra. Não faz mal, disse para comigo a encorajar-me, não te deixes intimidar! Não liguês a esta gente chata! Descontra-te! Ignora o público falso que está à tua frente, imagina centenas de caras entusiasmadas de alegria e continua a falar! Isto é um circo. Todas as conferências são um circo.

O presidente tossicou em sinal de reprovação, como se quisesse mostrar que não estava nada disposto a dançar ao meu compasso. Depois trocou uns olhares cúmplices com um funcionário barbudo que estava sentado ao pé dele. Lembrava-me de que tinham entrado lado a lado no auditório. O funcionário, magro como um fuso, trazia um fato preto mate, embora não estivesse num funeral. Começou a falar sem se inscrever:

– Rejeitar os automóveis e idolatrar as bicicletas: isso é um culto sentimental, decadente, que já conhecemos dos países ocidentais. Os Países Baixos são um bom exemplo disso. No entanto, temos necessidade urgente de fomentar a cultura da máquina. Temos de ligar os locais de trabalho de forma racional

às áreas residenciais. As bicicletas produzem a ilusão de que podemos ir a qualquer lado em qualquer altura, como nos der na real gana. Uma cultura da bicicleta pode exercer um efeito pernicioso sobre a nossa sociedade.

Levantei a mão para rebater aquele argumento. O presidente ignorou a minha mão e anunciou o intervalo para almoço. Abandonei o auditório sem trocar uma palavra com ninguém e saí do edifício a correr, como uma aluna da escola primária a correr para o recreio.

Em criança, eu era a primeira a saltar da cadeira da sala de aula para o recreio. Na altura ainda andava no jardim de infância. Ia a correr para o canto mais afastado do recreio e era como se aquele pedacinho de terra tivesse um significado especial para mim. Mas na realidade era apenas um lugar sombrio, húmido, que ficava debaixo de uma figueira, onde cidadãos desavergonhados costumavam depositar o lixo às escondidas. Não havia mais nenhuma criança que se aproximasse daquele lugar a não ser eu, e eu não me importava. Uma vez, um dos meus colegas escondeu-se atrás da figueira e pôs-se à espreita para me pregar um susto por trás, na brincadeira. Atirei-o por cima do ombro. Foi só um instinto de autodefesa; não lhe queria fazer mal, mas, como eu era robusta, o miúdo saiu a voar.

Os outros chamavam-me à socapa «focinho comprido» ou «bebé da neve», vim a saber mais tarde. Se não houvesse um miúdo a dar com a língua nos dentes, nunca teria ouvido aqueles nomes. A criança fazia de conta que estava do meu lado, mas talvez aquele coração infantil gostasse de me ver magoada. Até então, nunca tinha perguntado a mim mesma como era vista pelos olhos das outras crianças. A forma do meu nariz e a cor do meu pelo distinguiam-se das da maioria. Foi preciso ouvir aqueles nomes para tomar consciência disso.

*

Ao lado do centro de congressos havia um parque tranquilo, com bancos brancos. Escolhi um banco à sombra. Atrás de mim, ouvia água a correr, provavelmente de um ribeiro. Os salgueiros, elegantes, habilidosos, mergulhavam de tédio os dedos finos na água, se calhar queriam brincar com ela. Os seus ramos eram pontuados por rebentos de um verde-claro. A terra por baixo dos meus pés esboroou-se, não era trabalho de uma toupeira, era uma das flores de açafão. Algumas delas eram mais petulantes e atreviam-se a imitar a Torre de Pisa. Senti comichão no ouvido. Nada de escarafunchar! Era uma regra que eu nunca quebrava, pelo menos no tempo em que ainda trabalhava no circo. Porém, a comichão no ouvido não era da cera, mas sim do pólen e do canto picado dos pássaros, nas suas semicolcheias incansáveis que enchiam o ar. A primavera cor-de-rosa surpreendeu-me com a sua chegada não anunciada. Que truque teria ela usado para chegar a Kiev com uma delegação tão grande de pássaros e flores, tão depressa e sub-repticiamente? Estaria a preparar-se já há semanas para isso? Teria sido eu a única a não me aperceber, por estar demasiado preocupada com o inverno, que tinha tomado conta da minha consciência? Não gosto de fazer conversa sobre o tempo e por isso acabo por não receber a previsão de grandes mudanças. Até mesmo a Primavera de Praga me apanhou de surpresa. Quando o nome «Praga» me ocorreu agora mesmo, o meu coração começou a bater de forma palpável. Quem sabe se não vem aí uma mudança de tempo ainda maior e se eu não serei a única aqui sem o mínimo pressentimento!

A terra gelada estava a derreter e chorava, barrenta. Um fio de muco ranhoso escorreu-me pela narina; dava comichão. Caíam-me lágrimas das membranas inchadas em volta dos olhos. Numa palavra: a primavera é tempo de luto. Há pessoas que dizem que a primavera as rejuvenesce. Mas quem fica mais jovem regressa à infância, e esse regresso não deixa de ter as suas mágoas. Enquanto pude sentir orgulho em ser a primeira

a exprimir a minha opinião em todas as conferências, andava contente. Nem sequer me punha a pensar como tinha chegado àquele movimento de mão tão rápido.

Não havia em mim uma sede particular de conhecimento, mas o leite derramado do saber recusava-se a regressar ao copo. E, ao sentir o mais que doce aroma do leite a desprender-se da toalha de mesa, chorei a minha primavera. A infância, esse mel amargo, picou-me na língua. Fora sempre o Ivan a preparar a minha comida. Não tinha recordação da minha mãe. Para onde teria ido?

Naquela época, não sabia ainda o nome daquela parte do corpo. As dores que me queimavam desapareciam quando a retirava, era mais um reflexo. Mas não conseguia manter o equilíbrio durante muito tempo. Voltava a cair para diante. Mal aquela parte do corpo tornava a entrar em contacto com o chão, doía outra vez.

Tinha ouvido o Ivan a gritar «Au!» quando batia com a canela num poste ou quando era picado por uma vespa. Foi assim que compreendi que a expressão «Au» estava ligada a uma sensação particular de uma pessoa. Eu pensava que era o chão que sentia a dor e não eu. O chão é que tinha de mudar, e não eu, para que as dores passassem.

Perseguida pelas dores, empurrava o chão para longe de mim, erguendo o tronco. Ao fazer isto, mantinha a coluna tensa como um arco, mas não conseguia manter a tensão muito tempo seguido. Cedia e voltava aos quatro apoios. Se empurrasse com mais força, caía para trás, um pouco de lado. As vezes que eu tentei até conseguir finalmente ficar em pé algum tempo sobre duas pernas!

*

Depois do jantar oficial, regressei ao hotel e escrevi até este ponto. A escrita não era uma atividade a que estivesse habituada. O cansaço atingiu-me a cabeça e adormeci em cima da secretária. Na manhã seguinte, quando acordei, senti que tinha envelhecido durante a noite. Agora começa a segunda metade da vida. Numa corrida de fundo, este seria o ponto de viragem, tenho de voltar, a minha meta é a linha de partida. O lugar onde as dores começaram é onde elas vão acabar.

O Ivan pescava um pedaço de sardinha de uma lata, esmagava-o no almofariz, acrescentava um bocadinho de leite e punha-o à minha frente. Uma refeição especial para mim. Quando eu depositava um modesto excremento, vinha logo com vassoura e pá para limpar e deitar fora. Nunca ralhava comigo, nem uma queixa sequer escapou da boca dele. Com o Ivan, a limpeza era sempre prioritária. Todos os dias vinha com uma mangueira comprida e bamboleante e uma escova especial para lavar o chão. Às vezes apontava com a mangueira para mim. Não havia nada de que gostasse mais do que de um bom chuveiro de água gelada.

Não acontecia muitas vezes, mas de vez em quando o Ivan não tinha nenhuma tarefa a cumprir. Nessas alturas, sentava-se no chão, punha a guitarra ao colo, puxava pelas cordas e cantava. Uma canção melancólica de uma rua escondida e húmida mudava para uma música animada para dançar, antes de mergulhar no abismo de um lamento sem fim. Eu era toda ouvidos; senti qualquer coisa a despertar em mim, talvez a minha ânsia de lonjura. Os lugares distantes, que nunca vira, atraíam-me, sentia-me dividida entre lá e cá.

Às vezes, os nossos olhares cruzavam-se por acaso e, no instante seguinte, estava nos braços dele. Ele encostava a minha cabeça ao pescoço dele e roçava as bochechas dele nas minhas.

Fazia-me cócegas, fazia o meu corpo rolar de um lado para o outro, no chão, e atirava-se para cima de mim.

Desde o regresso de Kiev que não fazia outra coisa que não fosse ficar sentada no meu quarto de Moscovo, a arranhar o meu texto sem parar. Ficava de cabeça debruçada sobre o papel de carta do hotel, em que tinha pegado sem pedir licença. Pintava uma e outra vez o mesmo período da minha infância e não conseguia avançar. As minhas memórias iam e vinham como as ondas na praia. Cada onda parecia-se com a anterior, mas não havia duas iguais. Para mim não havia outra alternativa que não fosse descrever a mesma cena várias vezes, sem saber dizer qual das descrições era a definitiva.

Durante muito tempo, não soube o que aquilo queria dizer. Ficava sentada na jaula; estava sempre no palco, nunca na assistência. Se tivesse saído de vez em quando, teria visto o fogão que estava instalado debaixo da jaula. Teria visto o Ivan a pôr lenha no fogão e a acendê-lo. Talvez também tivesse visto o gramofone com uma tulipa gigante, negra, que estava por trás da jaula, em cima de um suporte. Quando o chão da jaula ficava quente, o Ivan punha a agulha no disco. Uma fanfarra rasgava o ar como um punho parte uma vidraça e de imediato as minhas patas sentiam as dores que queimavam. Levantava-me e as dores desapareciam.

Este jogo repetiu-se dias e semanas a fio. No final, tinha avançado até ao ponto de me levantar automaticamente assim que ouvia a fanfarra. Na altura não tinha um conceito para o estar de pé, mas sabia bem qual era a posição do corpo que me livrava das dores, e este saber, a par da ordem do Ivan «De pé!», de bastão empunhado no ar, gravaram-se juntos no meu cérebro.

Aprendi expressões como «De pé!», «Muito bem» e «Outra vez». Suspeito que os objetos estranhos amarrados aos meus

pés fossem sapatos feitos especialmente para não deixar passar o calor. Enquanto estivesse de pé, sobre as patas traseiras, não sentia dor, por muito que o chão ardesse de calor. Depois de a fanfarra parar de tocar e de eu estabilizar na posição vertical, seguia-se o cubinho de açúcar. O Ivan começava por pronunciar a expressão «cubinho de açúcar» devagar e depois metia-mo na boca. A expressão «cubinho de açúcar» foi para mim o primeiro nome do prazer doce que se derretia na língua depois da fanfarra e do estar de pé.

De repente, o Ivan estava ao meu lado, olhando de cima para o meu texto. «Ivan! Como vais? O que é feito de ti desde aquele tempo?» Eu queria fazer-lhe estas perguntas, mas a minha voz falhava-me. Enquanto inspirei fundo e expirei várias vezes, a figura do Ivan desapareceu silenciosamente. Deixou o calor do corpo que me era familiar e uma leve sensação de queimadura na minha pele. O Ivan, que durante tanto tempo estivera morto para mim, voltou à vida por eu ter escrito sobre ele. As garras de uma águia invisível agarravam-me no peito, não conseguia continuar a respirar, pensei que teria de beber um pouco daquela água transparente, sagrada, para me libertar daquela pressão insuportável. Naquela época era difícil arranjar uma boa vodca na cidade, porque era sobretudo exportada para fazer entrar no país moeda estrangeira. A porteira da casa horrível em que eu vivia tinha orgulho nos seus bons relacionamentos, que ocasionalmente lhe rendiam alguns produtos de luxo. Eu sabia que ela de vez em quando escondia uma garrafa no armário.

Saí do meu apartamento a correr, rolei pelas escadas abaixo e assaltei a porteira perguntando-lhe se por acaso teria aquela aguinha em casa dela. Um sorriso estranho percorreu-lhe a face, que me lembrava a escrita suméria cuneiforme. Esfregando o dedo indicador no polegar, de forma indecente, perguntou-me:

– Será que recebeste algum...?